

*Depois da chuva.
Rio Araguari, Porto Grande, Amapá, 2022
Fotografia por Carlos Pereira*



depois do temporal

Depois do temporal,
as serpentinhas águas corriam pelas ruelas do bairro arenoso, driblando as palhotas de caniço.
A noite foi calma!
Todos dormiam com os xiphefos apagados.
Nem os sussurros se ouviam naquela noite.
Era um dia chuvoso,
a noite foi vencida pelos trovões.
As chapas de zinco estreavam seus sons de bateria.
Naquele som, se calaram os passaros, mas ao raiar do sol,
O xirico se fez ecoar no canhueiro!
Havia amanhecido, e naquela tarde,
Nascera uma criança na árvore na aldeia de Chibuto,
Ela foi parida nos galhos, lugar de repouso dos pássaros.
Os pássaros foram testemunhas oculares,
O sol nublado, fingiu não ter visto a cena,
Os pardais seguraram seus gritos de socorro,
Se a mãe da bebé chorava de alegria, ou da desgraça das águas, não sei!
Era Fevereiro!
As lanchas chegavam!
As parteiras perderam a oportunidade de ajudar,
Foi o dia do vendaval.
O dia que as enxuradas lambeiram todas casas da aldeia.
Os madodas, baixaram as cabeças,
Eles tornaram-se impotentes, pois as enxuradas haviam triunfado sobre os aldeões.
O vendaval, nos trouxe a esperança,
até as árvores se tornaram em maternidades.
O asfalto, ganhou pernas naquela noite!
As pontes se cansaram e embora se foram!
As casas altas foram engolidas!
As casas dos doentes se afogaram,
os doutores despiram suas batas e fugiram para o abrigo dos pássaros.
Foi a fúria do ndambi de Fevereiro.
Aquele dia de chuva.